

“MAQUIAVÉLICO” *VERSUS* “MAQUIAVELIANO” NA LÍNGUA E NOS DICIONÁRIOS MONOLÍNGÜES BRASILEIROS

Sandra Bagno
Universidade de Pádua – Itália
sandra.bagno@unipd.it

Resumo: Se bem que se estejam multiplicando no Brasil as releituras da obra de Maquiavel isentas de antigos preconceitos, e a palavra “maquiaveliano” se encontre, há umas décadas, atestada com um específico significado denotativo – análogo àquele com que, em geral, encontra-se “machia-velliano” na língua e nos dicionários de italiano –, contudo, é somente como mero sinônimo de “maquiavélico” que a palavra, há pouco, começou a aparecer registrada por uns dicionários monolíngües brasileiros. Pelo contrário, o multiplicar-se das atestações do adjetivo “maquiaveliano”, usado na acepção denotativa também como antídoto semântico-cultural, impõe uma redefinição de toda a família de palavras derivada do nome próprio ‘Maquiavel’ por parte dos dicionários monolíngües. Ou seja, por parte das obras que, por definição, deveriam representar, na sua inteireza e especificidade, o atual perfil da língua e da cultura do Brasil.

Palavras-chave: Maquiavelismo, lexicografia monolíngüe brasileira, lexicografia monolíngüe italiana.

Abstract: Although the interpretations of Machiavelli’s work free from old prejudices are multiplying in Brazil, and although the word “maquiaveliano” has already been attested, for some decades, with a denotative meaning – similar to the one attested in general for “machiavelliano” in the Italian language and dictionaries – nevertheless it is only as a synonymous of “maquiavélico” that it has recently appeared in some monolingual Brazilian dictionaries. On the contrary, the increasing attestations of the adjective “maquiaveliano”, used with denotative meaning also as a semantic-cultural antidote, imposes a redefinition of the entire family of the words deriving

from the proper name ‘Maquiavel’ by monolingual dictionaries. That is to say, by the works which for definition should reflect the present outline of the Brazilian language and culture in its wholeness and specificity.

Keywords: Machiavellism, monolingual Brazilian lexicography, monolingual Italian lexicography.

O panorama da mais atualizada lexicografia monolíngüe brasileira apresenta, também para os estudiosos da obra de Maquiavel e da história de sua recepção no país ao longo dos séculos, uma interessante novidade. De fato, em 2002, Francisco S. Borba publica o *Dicionário de usos do Português do Brasil* (doravante, *Dicionário de usos*) que, a partir de uma perspectiva especificamente brasileira, como depreende-se do título, tem o mérito, dentre outros, de oferecer um quadro atualizado também a respeito da família de palavras derivadas do nome próprio ‘Maquiavel’. Pois, ao lado de palavras tradicionalmente verbetizadas, o *Dicionário de usos* registra duas entradas especialmente interessantes, por não constarem em outros dicionários publicados entre o final do sec. XX e o começo do sec. XXI¹.

O primeiro verbete é **maquiavel**, ausente até do lisboeta *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001) coordenado por João Malaca Casteleiro, obra que registra somente **maquiavélico** e **maquiavelismo** (*II G-Z*, p. 2373). Se bem que, na realidade, a palavra “maquiavel” seja antiga e tenha sido verbetizada, evidentemente por antonomásia, já pelo *Vocabulario Portuguez e Latino* de Raphael Bluteau publicado em Coimbra entre 1712 e 1728, assim definida (*T. V. L.M.N.*, 1727, p. 234):

“**MACHIAVELLO**. De homem tracista, & politico costumamos dizer, que he grande *Machiavel* ou *Machiabel*, ou *Machiavello* Vid. *Machiabelista*.”

A segunda novidade do *Dicionário de usos* é **maquiaveliano**, verbete registrado também pelas lexicografias monolíngües de outros países ocidentais, como por exemplo, há algumas décadas,

por aquela italiana. Ou seja, pelos dicionários da língua em que Maquiavel escreve *O Príncipe*, e portanto de grande interesse para a nossa perspectiva analítica. De fato, até uma obra monovolume, entre as várias possíveis, como *il Sabatini Coletti Dizionario della Lingua Italiana 2004* registra (p. 1473):

machiavelliano [ma-chia-vel-lià-no] agg. ◇ Di, relativo a N. Machiavelli (1469-1527), scrittore e uomo politico di Firenze, proprio delle sue opere o delle sue teorie [...] deriv. dal nome di N. *Machiavelli* con *-iano*, introdotto posteriormente a *machiavellesco* e *machiavellico* per evitare la connotazione negativa che essi implicano · a. 1927

Vale evidenciar que a aceção denotativa do adjetivo encontrava-se, umas décadas atrás, também no *Dizionario Enciclopedico Italiano (VII LIEC-MOL, 1970, p. 221)*:

machiavelliano agg. – Pertinente al Machiavelli. Agg. usato volentieri al posto di *machiavellico* e *machiavellesco* che hanno più spesso tono polemico: *le opere m., lo stile machiavelliano*.

Além de pontualizar que nos antigos “*machiavellico* e *machiavellesco*” há um “tono polemico”, neutralizado, evidentemente, pelo mais recente **machiavelliano**, o *Dizionario Enciclopedico Italiano* oferece outras informações importantes para o consulente também nas definições dos verbetes **machiavellismo** (*VII LIEC-MOL, 1970, p. 221*) e **il fine giustifica i mezzi** (*VI IDR-LIEB, 1970, p. 38*):

machiavellismo s.m. – *I*. Termine entrato nell’uso per polemica di scrittori politici, da T. Campanella a P. Byle: indica quell’utilitarismo, nel modo di governo, che sacrifica ogni istanza morale, non disdegnando di servirsi dei più subdoli e violenti espedienti, pur di ottenere successo. Nato con

riferimento al *Principe*, l'opera del Machiavelli di gran lunga più nota, e anzi particolarmente nei capitoli 15-18 dell'opera, il termine si è mantenuto anche dopo che il vero pensiero del Machiavelli fu posto in luce, e fu chiarito che egli non aveva fatto altro che rappresentare la politica nella sua ferina ma concreta nudità, senza volere con questo fornire ai governanti un ricettario di massime pratiche. Perciò si è parlato e si parla di m. con riferimento ad atteggiamenti politici anteriori al Machiavelli (si è parlato di *m. aristotelico* per *Polit.* VIII, 9) e posteriori, ma del tutto indipendenti da lui. 2. Per estens., spreg. il condursi astutamente, anche fuori dell'azione politica, cercando di raggiungere il proprio utile mediante l'inganno e la simulazione: *m. di bassa lega*; *si noti il m. di quella risposta*.

il fine giustifica i mēzzi. – Frase con la quale si è voluto esprimere l'atteggiamento pratico caratteristico del machiavellismo e del gesuitismo, sebbene né il Machiavelli né alcuno scrittore gesuita abbiano formulato la frase così come essa è passata in proverbio. Si legge bensì nel *Principe* di Machiavelli: «nelle azioni di tutti gli uomini, e massime de' Principi ... si guarda al fine ... I mezzi saranno sempre giudicati onorevoli e da ciascuno lodati» (cap. XVIII). Tra i gesuiti E. Busenbaum (*Medulla theologiae moralis*) scrive per es.: *cum finis est licitus, etiam media sunt licita* «quando il fine è lecito anche i mezzi sono leciti».

Vale averiguar, diante destes verbetes e definições, quais os significados atribuídos, às palavras derivadas de 'Machiavel' no atual idioma brasileiro, pelo *Dicionário de usos* (p. 1000):

maquiavel *Nm* pessoa astuta e de má-fé: *demorou-se com carinho no "Barata Ribeiro 200", célebre cabeça-porco da arquitetura nacional, pela qual passaram quase todos os maquiavéis e marafonas de Copacabana* (VEJ); *Um revolucionário não adocece de moralismo, dizem os maquiavéis da "vanguarda"* (FSP)

maquiaveliano *Adj* [Qualificador de nome humano ou abstrato] relativo ao maquiavelismo: *O plano foi uma manobra eleitoral? Óbvio. Mas não só isso, e aí reside toda a astúcia dessa construção, digamos, maquiaveliana* (FSP)

maquiavelicamente *Adv* [Modo] de modo maquiavélico; arditosamente: *a alíquota nominal parece módica (0,25%), mas, pelo efeito cumulativo, pode ser multiplicada de cinco a dez vezes em termos de incidência efetiva e tripudiar maquiavelicamente sobre o povo* (FSP)

maquiavélico *Adj* [Qualificador de nome humano ou abstrato] **1** relativo ao maquiavelismo: *A passagem da ditadura para a democracia que deveria ter sido um corte brutal, foi conduzida por Tancredo por meio de composições. Quer algo mais maquiavélico do que isso?* (VEJ) **2** próprio do maquiavelismo: *Os fins justificam os meios, de acordo com a moral maquiavélica que teria sido adotada pelos jesuítas* (FSP) **3** astuto; velhaco; arditoso: *Maquiavélica, Loreta diverte o público com sua estranha mania de tramar golpes baixos em voz alta* (VEJ); *é um filme de suspense recheado com maquiavélicos espões russos e seqüestros de aviões carregados de ouro* (FSP)

maquiavelismo *Nm* [Abstrato de estado] sistema político idealizado pelo escritor e estadista italiano Maquiavel, baseado na astúcia, má-fé e oportunismo: *O realismo é mais cru do que o maquiavelismo, pois que nesse último ainda podiam ser invocadas certas justificativas* (CRU); *quando o fim é lícito, também os meios são lícitos, mais adequada ao maquiavelismo* (FSP)

Ora, é importante sinalizar que análoga seqüência de verbetes e definições encontra-se também em outro dicionário monolíngüe, de dois anos posterior e organizado novamente por Francisco S.

Borba, a saber, no *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo* (doravante, *Dicionário UNESP*). Portanto, na p. 883, lê-se textualmente:

MAQUIAVEL ma·qui:a·vel **Sm** indivíduo maquiavélico (2).

MAQUIAVELIANO ma·qui:a·ve·li·a·no **Adj** maquiavélico (1). [...] Forma pouco usada.

MAQUIAVELICAMENTE ma·qui:a·ve·li·ca·men·te **Adv** de modo maquiavélico; arditosamente: *A renúncia do ministro foi maquiavelicamente explorada pela imprensa. A exoneração do diretor foi tramada maquiavelicamente.*

MAQUIAVÉLICO ma·qui:a·vé·li·co **Adj** **1** relativo ao maquiavelismo ou próprio dele: *Não há nada mais maquiavélico do que um golpe militar. A oposição usava de ações maquiavélicas para retardar a instalação da CPI.* **2** astuto; velhaco; arditoso: *Gerônimo era um administrador maquiavélico que tramava em silêncio os seus golpes.*

MAQUIAVELISMO ma·qui:a·ve·lis·mo **Sm** **1** sistema político considerado como a negação de todo princípio moral **2** política ou ato de má-fé. [...] De Niccolò Macchiavelli, 1469-1527), escritor e estadista florentino, que em sua obra *O Príncipe* defende o princípio de que os fins justificam os meios.

De fato, o “Nm” (“Nome masculino”) **maquiavel**, ou “Sm” (“Substativo masculino”)² **MAQUIAVEL**, representa um dado relevante porque preenche uma lacuna a respeito de uma palavra até hoje atestada na língua do Brasil, especialmente no debate político e cultural (Arbulu Barturen, Bagno, 2006: 216-217). Uma palavra antiga, como dissemos, e verbetizada também pelos dicioná-

rios monolíngües de outros países ocidentais, como por exemplo, em 2003, *Le Nouveau Petit Robert Dictionnaire Alphabétique et Analogique de la langue Française* (p. 1530):

MACHIAVEL [...] n.m. – 1831; de *Machiavel*, n. d’un homme d’État florentin (1469-1527), célèbre par ses théories politiques et ses écrits ◇ LITTÈR. Homme d’État sans scrupules. *C’est un Machiavel.* [...]

E como consta — com a correspondente palavra **Machiavèllo** ? também no *Grande Dizionario della Lingua Italiana* de Salvatore Battaglia que, na p. 375 do volume *IX LIBE-MED* de 1975, registra o verbete:

Machiavèllo (*macchiavèllo*), sm. Trucco, espediente, inganno; stratagemma astuto e spregiudicato; trovata geniale. [...]
2. Persona astuta, doppia, spregiudicata. [...]

A inserção, por parte de Francisco S. Borba, das entradas “**maquiaveliano Adj**” e “**MAQUIAVELIANO [...] Adj**” comprova a circulação de uma palavra cada vez mais atestada na língua do Brasil, principalmente a partir das últimas décadas do século XX (Arbulu Barturen, Bagno, 2006: 213-214).

Porém, se o consulente procurar interpretar corretamente, a partir destas definições de **maquiaveliano/MAQUIAVELIANO**, umas expressões do atual debate político e cultural, encontraria algumas dificuldades, como comprovam os exemplos a seguir.

Na *Revista Urutágua-revista acadêmica multidisciplinar (Censin-MT/DCS/UEM)*³, Mariano de Azevedo Júnior, em artigo intitulado “O Espelho da Guerra: a *virtù* na visão renascentista de Maquiavel”, recorre várias vezes ao adjetivo “maquiaveliano”, entre as quais nos seguintes contextos:

“Este artigo pretende analisar o conceito de *virtù* em *O Príncipe* de Maquiavel [...]. Também se propõe a verificar a distinção entre as formulações do conceito de *virtù* pelos humanistas e segundo a radical *visão maquiaveliana*⁴, ambas frutos da Renascença. [...] A concepção da *política maquiaveliana* fundamenta-se no fato de que é impossível existirem boas leis e boas armas se não houver um homem de Estado ousado e viril [...] a *política de Maquiavel* vai além das considerações de Estado [...] a idéia de Estado é tida como uma obra de arte no *pensamento maquiaveliano* [...] Os desejos dos homens, segundo a *concepção maquiaveliana* [...].”

Ora, o consulente que confiar, como seria natural, na definição monossêmica de **maquiaveliano** (“relativo ao maquiavelismo”) do *Dicionário de usos* – e correspondente à do *Dicionário UNESP* [“maquiavélico (1)”, ou seja, “relativo ao maquiavelismo ou próprio dele”] – seria impossibilitado de entender estes exemplos corretamente. Porque ambas as definições excluem a eventualidade que o adjetivo tenha, na língua atualmente falada e escrita no Brasil, além de uma acepção *conotativa*, também acepções simplesmente *denotativas*. Quer dizer: ambas as definições excluem, indiretamente, a possibilidade de que esta “Forma pouco usada” possa também significar: ‘de ou relativo a Nicolau Maquiavel, ou a sua obra’. Acepções *denotativas* que, entretanto, o consulente lê, obviamente, nas definições de adjetivos quais **camoniano**, **alencariano**, **machadiano**, etc. Ou seja, nas definições de adjetivos derivados dos respectivos nomes próprios *Camões*, *Alencar* e *Machado*, “con *-iano*”, conforme um processo análogo àquele evidenciado, para o adjetivo **machiavelliano** na língua italiana, pelo *Sabatini Coletti Dizionario della Lingua Italiana 2004*. De fato, o *Dicionário de usos* (p. 266) e o *Dicionário UNESP* (p. 226) registram, nas definições de **camoniano/CAMONIANO**, os significados, o primeiro, “**1** relacionado com Camões...” e “**3** escrito por Camões”, e o segundo, “**2** escrito por Camões”:

camoniano *Adj* [...] **1** relacionado com Camões, grande poeta épico português do século XV [...] **2** que lembra Camões [...] **3** escrito por Camões [...]

CAMONIANO ca-mo-ni-a-no **Adj 1** relacionado com Luíz Vaz de Camões, grande poeta português do século XV: a era camoniana **2** escrito por Camões [...]

Também no caso de **alencariano/ALENCARIANO** há, respectivamente na p. 55 do *Dicionário de usos* e na p. 47 do *Dicionário UNESP*, as seguintes acepções denotativas:

alencariano *Adj* [...] próprio de, ou relacionado com José de Alencar, escritor romântico cearense [...]

ALENCARIANO a-len-ca-ri-a-no **Adj** próprio de, ou relacionado com José de Alencar (1899-1877), escritor romântico cearense: *Apesar de romanticamente afetada, a narrativa alencariana flui bem.*

De forma análoga, as definições de **machadiano/MACHADIANO** registram, no *Dicionário de usos* (p. 979) e no *Dicionário UNESP* (p. 862), acepções denotativas:

machadiano *Adj* [...] de ou relativo a Machado de Assis, escritor brasileiro, ou a sua obra: *Nos contos machadianos transparece a preocupação com a psicologia da personagem* (FSP); *E termina essa história machadiana sem saber quem roubou o guarda-chuva* (FSP)

MACHADIANO ma-cha-di-a-no **Adj 1** De Machado de Assis (1839-1908), escritor brasileiro: *os romances machadianos 2* próprio desse escritor: *estilo machadiano*; *Essa obra tem abordagens que lembram o ceticismo machadiano.*

Não constando, pelo contrário, nas definições de **maquiaveliano/MAQUIAVELIANO** nenhuma acepção denotativa, o consulente é de fato levado, conseqüentemente, a interpretações incorretas dos exemplos citados, por duas razões, dependendo da estrutura de definição, em ambos os dicionários, principalmente de algumas das palavras derivadas de ‘Maquiavel’.

A primeira razão pode ser reconhecida até a partir dos próprios exemplos considerados. Confiando num significado denotativo tido como óbvio, evidentemente, pelo menos por certa parte da consciência lingüística e cultural brasileira (assim como daquela italiana), Mariano de Azevedo Júnior se refere, nas expressões salientadas, à “política de Maquiavel” ou à “política maquiaveliana”, indiferentemente. E quando ele escreve “visão maquiaveliana”, “pensamento maquiaveliano” e “concepção maquiaveliana”, está se referindo, incontestavelmente, à “visão” *de Maquiavel* e não àquela do “maquiavelismo”; “ao pensamento” *de Maquiavel* e não ao “pensamento” do “maquiavelismo”; e à “concepção” *de Maquiavel* e não à “concepção” do “maquiavelismo”.

A segunda razão se depreende de outro exemplo, especialmente interessante por constar numa edição de bolso — portanto destinada à grande circulação — de *O Príncipe* de Maquiavel, publicada em 2004. Logo no começo, em artigo intitulado “O pensamento político de Maquiavel” da autoria de Marcílio Marques Moreira, lê-se a seguinte frase (p. 15):

A natureza da articulação entre as exigências da realidade, de um lado, e a oportunidade que oferece a ação do livre-arbítrio, de outro, nos permitem vislumbrar o projeto *maquiaveliano*⁵? evito, de propósito, o adjetivo *maquiavélico*, irremediavelmente distorcido por interpretação pejorativa.

Portanto, Marcílio Marques Moreira logo alerta o próprio leitor a respeito da necessidade de distinguir entre “maquiaveliano” e “maquiavélico” (quer dizer, entre a acepção *denotativa*, não re-

gistrada pelos dois dicionários de Francisco S. Borba, e a acepção *conotativa* “pejorativa”, a única por eles atestada). Porém, depois de ter orientado o leitor oferecendo um dado semântico ausente dos dicionários monolíngües, é o próprio ensaísta a levá-lo, logo após, àquela mesma “interpretação” tradicionalmente “distorcida” do *Príncipe*, ao afirmar textualmente, na mesma p. 15:

É uma ética essencialmente política, da ação eficaz, que o coloca [*Maquiavel, n.d.r.*] entre os fundadores da ciência política, da categoricidade específica desta. O que, também, lhe valeu a fama — exagerada, mas não inteiramente injusta — de ter propugnado a máxima, a que se refere no próprio *O Príncipe*, de que *os fins justificam os meios*⁶. Talvez lhe assente melhor a qualificação de complexidade moral, de um certo bifrontismo, como o querem alguns, do que de amoralismo irresponsável. Ou ainda, como o expressou comentador recente, “Maquiavel seria o artífice da moralização da necessidade¹²”.⁷

Ora, constitui um grave equívoco histórico, como evidenciado pelas lexicografias tanto monolíngüe como enciclopédica italiana, se considerar a tal “máxima”, “os fins justificam os meios” (também no Brasil transmitida de geração a geração até ganhar força de axioma), como “propugnada” pelo Maquiavel “no próprio *O Príncipe*” (1532) (Arbulu Barturen, Bagno, 2006: 198-203). Obra logo colocada (1559) no *Index Librorum Prohibitorum* e na qual, porém, a tal “máxima” não consta. Portanto, é por causa também deste equívoco histórico que se continuou a transmitir, como em outros países ocidentais assim no Brasil, uma “interpretação pejorativa” da inteira obra de Maquiavel, até mesmo por parte das definições “pejorativas” das palavras derivadas do nome próprio ‘Maquiavel’ ao longo dos séculos verbetizadas pelos dicionários monolíngües.

Contudo, se bem que novas interpretações sejam veiculadas em geral também com o uso da palavra “maquiaveliano”, cada vez mais atestada na sua acepção denotativa como antídoto semântico-

lexical e cultural, e tenham já difundido no Brasil uma leitura das obras de Maquiavel isenta de idéias preconcebidas, a tal “interpretação pejorativa”, ainda no começo do século XXI, continua sendo transmitida de forma incorreta até pelo *Dicionário UNESP*. Incorreta, em primeiro lugar, por causa da definição de **MAQUIAVELISMO**, que continua ausente na idéia, tradicionalmente registrada por anteriores dicionários monolíngües, pela qual o “escritor e estadista fiorentino, ... em sua obra *O Príncipe* defende o princípio de que os fins justificam os meios”. E incorreta, em segundo lugar, por estar incompleta a definição de **MAQUIAVELIANO** do ponto de vista semântico: quer dizer, por faltar a acepção denotativa com que uma parte significativa da consciência lingüística e cultural brasileira expressa hoje em dia, especificamente com o adjetivo “maquiaveliano” como acontece em outras identidades lingüísticas e culturais, uma interpretação mais objetiva da obra de Maquiavel.

* * *

Observados dentro de uma abordagem psicossocial da realidade expressional, os exemplos de uso de “maquiaveliano” por nós considerados testemunham uma atitude, por parte de quem escolhe este adjetivo, baseada num livre e espontâneo desempenho do usuário brasileiro no plano da língua viva. Uma atitude, portanto, baseada num óbvio direito de utilizar, de qualquer maneira, a acepção denotativa de “maquiaveliano” simplesmente por constar ela atestada no mais atualizado debate cultural brasileiro. Independentemente dos dicionários monolíngües registrarem ou não a tal acepção, pois este direito explica-se com a exigência de usar um adjetivo percebido, também por considerável número de brasileiros, como código semântico-lexical indispensável para expressar novas perspectivas analíticas, finalmente livres de antigas restrições e heranças censórias e inquisitoriais.

Tanto que, conseqüentemente, a respeito de palavras antigas como “Maquiavel”, “maquiavelismo” e “maquiavélico”, obser-

va-se uma atitude interessante até na linguagem diária da *Internet* dos portais de venda de livros, naturalmente orientados a sensibilizar o internauta e possível comprador. Um volume recentemente publicado, por exemplo, está sendo propagandado, também pelo seu valor do ponto de vista “pedagógico”, por conseguir ele demonstrar, como seria o caso de *O Príncipe & Maquiavel sem ideologias* de Ivan Hingo Weber⁸, que a tradicional “derivação Maquiavel-maquiavélico é errada e ...injusta”. De fato, o internauta lê textualmente:

O livro apresenta o filósofo da autonomia e da virtù mostrando que a derivação Maquiavel-maquiavélico é errada e, principalmente, injusta. [...] o livro têm também uma clara visão pedagógica [...] propõe uma nova abordagem, desviando-se das barreiras das ideologias e dos preconceitos.

De forma análoga, propagandando o livro *Maquiavel – A lógica da força*, de Maria Lúcia De Arruda Aranha⁹, ressalta-se que o ensaio visa «superar o mito do “maquiavelismo”», de acordo com o que se lê na seguinte apresentação:

No esforço de entender as lutas pelo poder na Itália do século XVI, Maquiavel transformou a teoria política em uma categoria autônoma, desvinculada da religião e da moral cristã. Inaugurou, assim, uma forma de pensar que, ainda hoje, permite-nos visualizar e compreender melhor as exigências decorrentes do surgimento do Estado modeno. Neste livro, Maria Lúcia de Arruda Aranha convida o leitor a uma interpretação isenta de idéias preconcebidas, a fim de superar o mito do “maquiavelismo” e resgatar o pensamento republicano do ilustre fiorentino.

Portanto, se por um lado está se manifestando uma atitude evidentemente crítica, na consciência lingüística e cultural brasileira,

para com significados tradicionalmente atribuídos a verbetes como “Maquiavel”, “maquiavelismo” e “maquiavélico”, por outro lado registram-se outras atitudes, por parte do falante, principalmente a respeito da “Forma pouco usada” **maquiaveliano/Maquiaveliano**. Quer dizer, além da linha observada nos ensaios considerados, baseada num livre e espontâneo desempenho do usuário brasileiro (livre de utilizar, de qualquer maneira, a acepção denotativa do adjetivo, independentemente dos dicionários monolíngües apontarem a tal acepção de “maquiaveliano”, ou até independentemente de eles registrarem o verbebo), constata-se também uma outra interessante linha expressiva. Exemplificada esta, por exemplo, por um ensaísta que talvez prefira não se adequar — como em breve veremos — ao *corpus* e às definições registradas pelos dicionários monolíngües brasileiros. Ou seja, pelos dicionários de uma língua, como a portuguesa, que é contemporaneamente a língua nacional e/ou oficial de vários Países, e portanto instrumento de expressão de diferentes debates culturais — e de interpretações e abordagens possivelmente diferentes até mesmo sobre obras tão longamente discutidas como as de Maquiavel. A tradicional interpretação “pejorativa”, que ainda hoje se desprende dos mais atualizados dicionários monolíngües brasileiros, a respeito da família de palavras derivadas do nome próprio ‘Maquiavel’, pode ter levado a escolher soluções expressivas de certa maneira mais prudentes. E possivelmente condicionadas pelos próprios dicionários monolíngües de diferentes países, tidos como reflexos fiéis e atualizados de diversas identidades culturais, além de referências do ponto de vista ‘normativo’.

Oferece-nos uma interessante matéria de análise, nesta perspectiva, um outro livro de bolso e destinado, como a edição de Martin Claret de *O Príncipe*, principalmente aos estudantes. E portanto especialmente responsável pela transmissão de velhas ou novas palavras, em quanto códigos semântico-lexicais para expressar antigas ou novas interpretações da obra de Maquiavel. Trata-se de *Maquiavel & O Príncipe* da autoria de Alessandro Pinzani,

publicado em 2004 — o mesmo ano da publicação do *Dicionário UNESP*. Logo no *Sumário* (p. 5) encontram-se as primeiras amostras de uma forma expressiva, constituída pela preposição “de” e pelo nome próprio “Maquiavel”, que será uma constante ao longo do ensaio: “Posição do *Príncipe* na obra *de Maquiavel*”¹⁰, “O método *de Maquiavel*”, “A questão da modernidade do pensamento *de Maquiavel*”. E logo após lê-se de novo (p. 8): “O presente livro tem como objetivo introduzir o leitor às questões levantadas pelo *Príncipe*, situando-as no seu contexto histórico e no âmbito da obra *de Maquiavel*.”

Em seguida, novamente: “cinco anos depois da morte *de Maquiavel*” (p. 10); “insistência *de Maquiavel* “ (p. 13); “aos olhos *de Maquiavel* “ (p. 14); “o ideal *de Maquiavel* “ (p. 15); “o pensamento *de Maquiavel* “(p. 16); “ a argumentação *de Maquiavel* “ (p. 17); “o interesse *de Maquiavel* “ (p. 18); “Na antropologia *de Maquiavel*” (p. 19); “A obra *de Maquiavel* “ (p. 20); “Na opinião *de Maquiavel*” (p. 22).

Continuando a observar, linha por linha, quais os instrumentos semântico-lexicais usados por Alessandro Pinzani, a respeito da família de palavras derivadas de ‘Maquiavel’, para expressar a própria interpretação de *O Príncipe*, o leitor depara-se com outro dado interessante (pp. 22-23): a saber, o uso pela primeira vez do adjetivo “maquiavélico”, não referido, porém, ao Maquiavel ou à sua obra. De fato, lê-se o seguinte:

Um outro ponto no qual o pensamento *de Maquiavel* se revelará pré-moderno diz respeito à nenhuma consideração que o nosso autor reserva às questões socioeconômicas (ao contrário, por exemplo, de Giovanni Botero, autor “*maquiavélico*”¹¹ que escreveu suas obras de teoria política alguns decênios após *O Príncipe*).

Nas páginas a seguir o ensaísta retorna outras vezes àquela expressão — “de Maquiavel” — que naturalmente impede que as

suas interpretações de *O Príncipe* possam ser equivocadas.¹² E também o adjetivo “maquiavélico” reaparece (pp. 49-50), porém, não referido ao Maquiavel:

Em 1576, Innozenz Gentillet publicou (anonimamente) um livro sobre o bom governo com o subtítulo “Contra Nicolau Maquiavel Florentino”, acusando nosso autor de ateísmo, de imoralidade e de ter fornecido a base intelectual para as guerras religiosas que ensangüentavam a França (o rei da Prússia Federico II — por muitos aspectos, um príncipe *maquiavélico*¹³ — publicou em 1740 o seu célebre *AntiMaquiavel*, que retomava argumentos de Gentillet).

Na mesma p. 50 logo retorna-se, por três vezes em seguida, à expressão “de Maquiavel”, que ao longo das 70 páginas do ensaio irá se repetir por mais de quarenta vezes¹⁴.

A análise pontual das escolhas expressivas do ensaísta, aparentemente monótonas do ponto de vista estilístico pela insistência naquela única solução, “de Maquiavel”, nos permite ressaltar uns dados interessantes.

Primeiro: num ensaio dedicado à obra tradicionalmente considerada a teorização por definição do maquiavelismo, o próprio substantivo “maquiavelismo” nunca aparece. Segundo: igualmente ausente é a “máxima” — “os fins justificam os meios” — incorretamente tida por muitos intérpretes, ainda ao longo do século XX, como “propugnada” pelo *Príncipe*. Terceiro dado: o ensaísta recorre sim ao adjetivo “maquiavélico”, mas somente duas vezes e nunca para definir o Secretário florentino, como vimos. O quarto dado é bastante curioso: evita-se também de vez o adjetivo “maquiaveliano”, ou seja aquela “Forma pouco usada” no Brasil, de acordo com a definição de **MAQUIAVELIANO** do *Dicionário UNESP*. “Forma”, porém, já suficientemente atestada há anos em ensaios de acreditados estudiosos brasileiros (Arbulu Barturen, Bagno: 2006, 213-216).

Face a estes dados, surgem inevitáveis umas questões. Se nos primeiros exemplos considerados Mariano de Azevedo Júnior parece recorrer *normalmente* à aceção denotativa de “maquiaveliano”, por exemplo na expressão “pensamento *maquiaveliano*”, por qual razão para exprimir o mesmo conceito Alessandro Pinzani prefere, pelo contrário, se manter sempre na solução “pensamento *de Maquiavel*”? Posto que a sua sistemática escolha da expressão “de Maquiavel” dependa de uma tomada de conhecimento da força normativa dos dicionários (com suas escolhas de verbetes e definições focadas numa direção unívoca), tal escolha representaria uma aceitação, por parte do estudioso, da dita força normativa? Ou não seria pelo contrário, como dissemos, uma evidente *não aceitação* de definições tradicionalmente transmitidas até por dicionários monolíngües? E porque ele evita justamente o adjetivo “maquiaveliano”, usado *naturalmente* por outros estudiosos na aceção denotativa, e com a qual, há pelo menos duas décadas, estão sendo propostas também no Brasil novas, e menos “injustas”, abordagens à obra de Maquiavel?

Talvez uma resposta a essas questões se encontre — interpe-lando estes e outros dicionários monolíngües brasileiros — em outros trechos do segundo texto por nós acima proposto. Quer dizer, a inequívoca solução estilística “de Maquiavel”, adotada por Alessandro Pinzani, revela-se especialmente esclarecedora se observarmos, no ensaio de Marcílio Marques Moreira, duas frases em que os adjetivos “maquiaveliano e “maquiavélico” alternam-se. Porém, não de maneira clara do ponto de vista semântico. De fato, no mesmo artigo “O pensamento político de Maquiavel”, primeiro lê-se o seguinte (pp. 13-14):

A partir dessa nova ética — e a necessariamente de apontar para uma ética *maquiavélica*¹⁵ é mais um dos paradoxos daquele que é considerado a encarnação do amoralismo — Maquiavel retorna e trasforma em símbolo o conceito de *virtú*, deusa pagã, a ela apenas se referindo em sua forma italiana e no

singular, em contraste com o plural latino *virtutes*, da tradição cristã.

E logo após lê-se textualmente (p. 16):

Uma análise dos caminhos e descaminhos da história da crítica *maquiaveliana*¹⁶ viria a mostrar através dos séculos, como Maquiavel é apresentado desde arauto implacável do duro poder dos príncipes, do uso cruel da força bruta, até defensor da liberdade do povo e sutil mestre da arte de resistir à opressão dos príncipes.

O contraste entre a primeira expressão, “ética maquiavélica” (em que o adjetivo mantém toda sua tradicional carga “pejorativa”), e a segunda expressão, “crítica maquiaveliana” (na qual refere-se claramente o autor à acepção denotativa do adjetivo), demonstra com clareza a dificuldade do leitor que procurar entender, orientado pelos dicionários, os diferentes significados destes dois adjetivos. Mas demonstra também a dificuldade do usuário, que pode chegar ao ponto de evitar palavras como “maquiavelismo” e “maquiaveliano”, ainda definidas, em geral, de maneira superada a primeira, e insuficiente a segunda. Uma dificuldade, portanto, que coloca com clareza a questão de uma improrrogável necessidade de redefinir nos dicionários monolíngües, de maneira mais condizente com o debate cultural e por como usadas na atual língua brasileira, principalmente as palavras “maquiavelismo” e “maquiaveliano”.

Notas

1. Para uma análise das definições dos verbetes derivados de ‘Maquiavel’, em recentes dicionários monolíngües brasileiros e portugueses, cf. Bagno, Sandra, “*Il Principe* di Machiavelli nelle lessicografie latinoamericane: il Brasile caso emblematico? Dall’eredità culturale del colonizzatore all’autonomia lessicografica specchio di un’identità nazionale”; em Arbulu Barturen, María Begoña, Bagno, Sandra (Edición de). *La recepción de Maquiavelo y Beccaria en ámbito iberoamericano*. Padova: Unipress, 2006, pp. 183-240.

2. É com estas categorias gramaticais que, nas respectivas listas de “abreviaturas” (*Dicionário de usos*, p. XIV) e “Símbolos e Abreviaturas” (*Dicionário UNESP*, p. XIII) são apelidados os dois verbetes.

3. N° 09/abr/mai/jul/2006 – Quadrimestral – Maringá–Paraná–Brasil ISSN 151

<http://www.urutagua.uem.br/009/09> (13/4/2008)

4. Nossos os grifos, também a seguir.

5. Nossos os grifos, também a seguir.

6. Nossos os grifos.

7. Na mesma p. 15, nota 12, pontualiza o autor que esta definição (“Maquiavel seria o artífice da moralização da necessidade”) encontra-se em “Pierre Manent, *Naissances de la Politique Moderne* (Paris, Payot, 1977) p. 11.”

8. Cf. www.submarinho.com.br/books_productdetails (20/04/08).

9. Cf. <http://www.americanas.com.br> (20/04/08).

10. Nossos os grifos, também a seguir.

11. Nossos os grifos.

12. Cfr. p. 24: “da época *de Maquiavel*”, “a linguagem *de Maquiavel*”, “o entendimento do pensamento *de Maquiavel*”; p. 25: “os destinatários dos escritos *de Maquiavel*”; p. 27: “Conforme a categorização *de Maquiavel*” e “conforme a classificação *de Maquiavel*”; p. 30: “o interesse principal *de Maquiavel*” e “este último problema surge do interesse *de Maquiavel* pela questão da unificação italiana”; p. 31: “na opinião *de Maquiavel*”; p. 37: “na argumentação *de Maquiavel*”; p. 39: “o conselho *de Maquiavel*” e “na base das considerações *de Maquiavel*”; p. 40, “Na antropologia disiludida *de Maquiavel*” e “na época *de Maquiavel*”; p. 41, “no mundo *de Maquiavel*”; p. 42, “a interpretação *de Maquiavel*”; p. 46, “O julgamento *de Maquiavel*”; p. 47, “no ideal do homem político *de Maquiavel*”; p. 49, “A influência *de Maquiavel*”.

13. Nossos os grifos.

14. Cfr. p. 50: “Nos dramas ingleses de Marlow ou Shakespeare o nome *de Maquiavel* é sinônimo de abjeção...”, “...o aspecto do pensamento *de Maquiavel* que recebeu mais atenção...”, “...tem início uma recepção mais objetiva tanto da figura como do pensamento *de Maquiavel*...”; p. 51: “...o renovado interesse pela outra grande obra política *de Maquiavel*...”; p. 65: “A carta *de Maquiavel*...”; pp. 67-69: a expressão aparece em três subtítulos: “*De Nicolau Maquiavel*”, “*Para melhor conhecer a vida de Maquiavel e entender o contexto histórico*”, “*Introduções gerais ao pensamento de Maquiavel*”. Em seguida, além de constar nos títulos de obras de outros autores, “de Maquiavel” retorna nos seguintes contextos: p. 67: “É a outra grande obra política *de Maquiavel*”, “Contém uma ótima biografia *de Maquiavel*”; p. 68: “Ótima introdução geral ao pensamento *de Maquiavel*.”, “Uma das melhores introduções à obra e ao pensamento *de Maquiavel*, “Boa introdução básica ao pensamento *de Maquiavel*.”, “Livro muito informativo e erudito, com particular foco nas concepções antropológicas *de Maquiavel*.”. E, finalmente, p. 69: “Interpretação clássica que lê a obra *de Maquiavel* do ponto de vista marxista (o partido comunista como “novo príncipe”); foi escrita por Gramsci nas cadeias fascistas.”

15. Nossos os grifos.

16. Nossos os grifos.

Bibliografia

ARANHA, Maria Lúcia De Arruda. *Maquiavel – A lógica da força..* São Paulo: Moderna, 1993.

ARBULU BARTUREN, María Begoña, BAGNO, Sandra (Edición de). *La recepción de Maquiavelo y Beccaria en ámbito iberoamericano.* Padova: Unipress, 2006.

BATTAGLIA, Salvatore. *Grande Dizionario della Lingua Italiana.* Torino: UTET, IX LIBE-MED, 1975.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabolario Portuguez e Latino.* Coimbra: T. V. L.M.N., 1727.

BORBA, Francisco S. *Dicionário de usos do Português do Brasil.* São Paulo: Ática, 2002.

ID. *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo.* São Paulo: Editora UNESP, 2004.

CASTELEIRO, João Malaca, *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea.* Lisboa: Verbo, II G-Z, 2001.

SABATINI, Francesco, COLETTI, Vittorio. *il Sabatini Coletti Dizionario della Lingua Italiana 2004.* Milano: Rizzoli Larousse, 2003.

Dizionario Enciclopedico Italiano, Roma, Istituto della Enciclopedia Italiana, VII LIEC-MOL, 1970.

MAQUIAVEL. *O Príncipe* Comentado por Napoleão Bonaparte. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004. Trad. de Pietro Nassetti.

PINZANI, Alessandro. *Maquiavel & O Príncipe*. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 2004.

ROBERT, Paul. *Le Nouveau Petit Robert Dictionnaire Alphabétique et Analogique de la langue Française*. Paris: Dictionnaires Le Robert, 2003.

WEBER, Ivan Hingo. *O Príncipe & Maquiavel sem ideologias*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.